

“Copacabana” e “E se vivêssemos todos juntos?”: um ensaio sobre as contribuições do cinema acerca da velhice na contemporaneidade

Raquel de Oliveira Barreto

Alexandre de Pádua Carrieri

POR UMA INTRODUÇÃO

Silenciar a velhice tem sido uma prática comum na sociedade contemporânea. Mas como chamar de silencioso um momento em que tanto se tem falado sobre o tema? Fala-se da “Melhor Idade”, fala-se dos segredos de uma alimentação saudável para uma vida longa, fala-se da inevitável inversão na pirâmide etária e, ainda, sobre a ideia de que sempre há tempo para se tornar um sujeito produtivo. Mas pouco se discute, de fato, acerca do lugar social ocupado pelo

FAROL

REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE

NÚCLEO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE | FACE / UFMG | BELO HORIZONTE | V. 5 | N. 14 | DEZEMBRO | 2018 | ISSN: 2358-6311



velho, dito de outro modo, a que condições esses sujeitos estão sendo submetidos atualmente. Beauvoir (1990) argumenta que tal condição é notadamente precária, uma vez que os velhos não seriam alvo de uma genuína preocupação social. Sais (2011, p. 50) concorda dizendo que não foi o aumento do número de idosos que nos fez lançar sobre eles um olhar atento, mas que “[...] o despertar do interesse pela temática tem um forte componente político-econômico”.

E se a velhice é algo inexorável ao ser humano, porque o homem não percebe que a forma pela qual ele trata o velho hoje pode refletir o seu próprio futuro? Para Beauvoir (1990, p. 266), isso se dá pela percepção do velho como uma “espécie estranha”, com o qual não conseguimos estabelecer laços de reciprocidade. Contudo, a autora denuncia que nos últimos séculos disseminou-se uma ideia ou valor sobre a importância de se respeitar os mais velhos, o que ela denomina de moral social (Beauvoir, 1990, p. 268). Isso não implica, ressalva a autora, que alguns filhos que se incumbem de cuidar de seus pais o façam sem demonstrar a eles sua condição de dependência e vulnerabilidade. Bosi (1994, p. 78) expõe que essa falta de reciprocidade associada ao discurso de cunho moral pode levar a uma “tolerância sem o calor da sinceridade”, ou seja, pode-se estabelecer com o velho uma relação em que se abdica do diálogo e se evita o confronto. Segundo a autora “[...] melhor seria dar-lhe o nome de banimento e discriminação” (Bosi, 1994, p. 78).

Sob uma perspectiva mais ampla, a velhice tem sido elevada ao *status* de um problema social que precisa, portanto, ser gerido (Foucault, 2010; Sais, 2011; Tótor, 2013). Debert (1997) discute que o que estamos presenciando é um processo de *reprivatização da velhice*, em que a mídia, as políticas públicas e parte do campo da gerontologia constroem um discurso que coloca a velhice como uma responsabilidade individual. Nesta perspectiva, a recente construção do discurso da *Terceira Idade*, quando não *Melhor Idade*, busca promover a representação da velhice associada a um período de grande satisfação da vida, marcado pela diversão descompromissada, pela busca da saúde e da juventude perene (Debert, 1997). No entanto, como explicita a autora, isso incorre no risco de abandonar as preocupações com as limitações impostas pela velhice, as quais não devem ser desconsideradas.

Uma das formas de trazer a temática da velhice à tona, seja com intuítos normalizadores (Foucault, 2010), seja de maneira crítica, é por meio do cinema. Podemos dizer que, em certa medida, o cinema tem sim cada vez mais incorporado a velhice em suas produções, contribuindo para a disseminação de determinadas representações sociais, legitimando comportamentos e modos de vida (Santana & Belchior, 2013). Entendemos que o cinema proporciona aos expectadores a vivência de experiências e realidades que não as suas, suspendendo momentaneamente sua vida cotidiana. Como artefatos culturais, os

filmes são capazes de influenciar diretamente na forma como vemos o mundo e, principalmente, como nele agimos e nos comportamos (Huczynski & Buchanan, 2004).

Um exemplo de filme brasileiro que aborda a temática da velhice é a obra "Copacabana", produzido e dirigido por Carla Camurati, de 2001. A história gira em torno do personagem Alberto, um senhor as vésperas de completar seus 90 anos. Tendo como eixo a história do bairro carioca de Copacabana, o longa traz elementos interessantes associados à velhice como o temor em relação à morte, a vivência da sexualidade e o valor da memória. Outra produção notável lançada uma década depois se chama "E se vivêssemos todos juntos?"¹, dirigido por Stéphane Robelin. O filme francês retrata a experiência de cinco sujeitos velhos, duas mulheres e três homens, que optam por viverem juntos e compartilharem os seus últimos dias de vida. São dois casais e um viúvo, cada qual com sua história de vida que, ao serem exploradas, da mesma forma trazem à tona reflexões sobre temas que povoam o universo da velhice. A escolha dessas duas produções como foco deste ensaio se deu em função do olhar que lançam para a temática, evidenciando questões que problematizam estereótipos atribuídos naturalmente aos velhos.

¹ Et Si on Vivait Tous Ensemble?

Nesse sentido, temos como objetivo neste ensaio analisar como a velhice é apresentada e problematizada nos filmes "Copacabana" e "E se vivéssemos todos juntos?", tendo como pano de fundo a crítica sobre o lugar ocupado pelo velho na sociedade contemporânea e os impactos dessas representações para as organizações de uma forma geral.

É importante destacar que o fenômeno da velhice ainda tem sido pouco trabalhado dentro dos Estudos Organizacionais e da Administração de uma forma geral. Em levantamento realizado nos Anais do Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, no período de 1997 a 2011, Locatelli e Fontoura (2013) encontraram – em um universo de 9782 trabalhos – apenas 26 artigos que abordam a temática do envelhecimento populacional, sendo as áreas de Gestão de Pessoas e de Marketing as que mais concentram essa produção. Os resultados desse levantamento apontam justamente para o olhar ainda incipiente da nossa área sobre a questão do envelhecimento populacional e, de forma mais específica, sobre os sujeitos velhos. Essa baixa produção de conhecimento sobre o tema na área associa-se ao número ínfimo de grupos de pesquisa brasileiros no campo da Administração que se dediquem a esses estudos (Locatelli & Pontoura, 2013). Um aspecto relevante também identificado nesse levantamento é que mesmo dentre esses artigos encontrados, em grande parte deles os idosos não constituem o foco central de análise da pesquisa, ou seja, são

coadjuvantes em investigações sobre outras temáticas como, por exemplo, tomadas de decisão ou comportamento do consumidor.

Mas porque estudar o envelhecimento populacional e seus desdobramentos no campo dos Estudos Organizacionais? Seria esse de fato um caminho relevante? Qual o papel das organizações em uma sociedade que envelhece? Partimos da compreensão de que as representações sociais da velhice em nossa sociedade acabam por afetar a forma pela qual esses sujeitos são inseridos - ou não, agravando um cenário de desigualdades sociais. Se o envelhecimento populacional em escala mundial é uma realidade indiscutível, como reagimos, significamos e construímos nossas práticas cotidianas em relação à velhice? As organizações sejam elas de natureza governamental, empresas ou instituições da sociedade civil constroem discursos e práticas a partir dessas representações difundidas sobre o envelhecimento e sobre a velhice e por isso faz-se necessário lançar sobre elas um olhar atento. As discussões sobre envelhecimento trazidas para esta edição temática "Cinema: Trabalho, Organizações e Sociedade", visam justamente refletir sobre quem são esses sujeitos e as especificidades que lhes são características, as quais escapam de categorizações genéricas e abstratas como a *Melhor Idade*.

A VELHICE EM DIFERENTES CONTEXTOS HISTÓRICOS, SOCIAIS E CULTURAIS

*Como deveria ser uma sociedade, para que, em sua velhice, um homem
permanecesse um homem?*

Simone de Beauvoir

Bosi (1994) da mesma forma que Beauvoir (1990) aponta que em nossa sociedade percebe-se uma postura de desprezo em relação aos mais velhos. A autora argumenta que o sentimento dos adultos é de superioridade e que este processo de superação do jovem sobre o velho seria percebido socialmente como algo natural. A autora então logo questiona se esse processo não seria, entretanto, “[...] próprio de uma sociedade competidora, onde já se perdeu o gosto inefável da individualidade de cada pessoa?” (Beauvoir, 1990, p. 76). Tendo em vista tal ausência de reciprocidade com os velhos, a qual culmina na não construção de projetos em comum, pode-se questionar então de que projetos o velho participa na sociedade contemporânea? Bosi (1994) explicita que o sentido que o sujeito atribui à sua existência está em sua maior parte relacionado aos projetos de vida que constrói, suas pretensões, razões, lutas e movimentos em que se envolve. E se esses não existem? Há espaço nessa sociedade para que os velhos construam seus projetos?

A fim de refletir acerca do estatuto do velho na sociedade contemporânea, faz-se interessante estudar as formas pela quais estes sujeitos foram considerados em outros contextos sociais. Beauvoir (1990, p. 114) discute a posição dos velhos nas sociedades ocidentais, incluindo neste grupo a China pela “[...] condição singularmente privilegiada que esta nação proporcionou aos velhos”. Neste país, os velhos ocupavam o grau mais alto da hierarquia social, uma vez que esta seria uma reprodução da organização familiar. A autora destaca que essa posição privilegiada era concedida apenas aos homens, pois se trata de uma nação de fortes traços patriarcais. No entanto, ainda que na condição oprimida de mulher, as idosas recebiam atenção especial em função da idade. A longevidade, dentro das crenças chinesas, é um objetivo que os homens devem perseguir. Beauvoir (1990) expõe que o envelhecimento constitui-se uma virtude para o taoísmo, capaz elevar o homem à santidade. Nessa visão “[...] a santidade era a arte de não morrer, a absoluta posse da vida” (Beauvoir, 1990, p. 114). Confúcio, importante pensador chinês, associava a questão do envelhecimento à sabedoria, justificando assim a autoridade concedida aos homens velhos na sociedade.

Já no ocidente, Beauvoir (1990) argumenta que a imagem do velho foi, desde os primórdios, associada as suas deficiências e debilidades. Segundo a autora, o primeiro texto que abordou tal questão data de 2.500 anos antes de Cristo e consiste em uma enumeração das mazelas que acometiam os velhos, elencadas

por um filósofo no Egito. Um aspecto interessante observado pela autora diz respeito à longa existência do sonho do rejuvenescimento. Segundo ela, "Os próprios egípcios já acalentavam a esperança de vencê-la. Pode-se ler, num papiro: 'Início do livro sobre o modo de transformar o velho num jovem'" (Beauvoir, 1990, p. 114).

Ao se referir aos judeus, Beauvoir (1990) da mesma forma revela um povo marcado pelo respeito em relação ao envelhecimento humano. Apesar de ressaltar a dificuldade de identificar o que é verdadeiro dentre os escritos religiosos, a autora destaca a presença constante dos anciãos em suas leituras. Na maior parte das inserções, o velho aparece como aquele a quem se deve respeito e obediência. Na Grécia antiga, a autora alega que a idade avançada assumiu um *status* de honra. Os anciãos tinham na Polis o papel de conselheiros do chefe, a quem ele consultava. O envelhecimento neste caso ligava-se à sabedoria e à autoridade, no entanto, a autora expõe que Homero acreditava que a experiência não seria suficiente para alcançarem a vitória, sendo necessário também o vigor físico. Nesse sentido "Pode-se inferir que os velhos tiveram um papel mais honorífico que eficaz enquanto a Grécia antiga viveu sob o regime feudal" (Beauvoir, 1990, p. 122).

Sobre as diferentes formas históricas de tratar o velho, Bosi (1994, p. 76-77) expõe,

Existem, sim, outras sociedades, deveríamos responder, onde o ancião é o maior bem social, possui um lugar honroso e uma voz privilegiada. Uma lenda balinesa fala de um longínquo lugar, nas montanhas, onde outrora se sacrificavam os velhos. Com o tempo não restou nenhum avô que contasse as tradições para os netos. A lembrança das tradições se perdeu. Um dia quiseram construir um salão de paredes de troncos para a sede do Conselho. Diante dos troncos abatidos e já desganhados os construtores viam-se perplexos. Quem diria onde estava a base para ser enterrada e o alto que serviria de apoio para o teto? Nenhum deles poderia responder: há muitos anos não se levantavam construções de grande porte, e eles tinham perdido a experiência. Um velho, que havia sido escondido pelo neto, aparece e ensina a comunidade a distinguir a base e o cimo dos troncos. Nunca mais um velho foi sacrificado.

Todas essas referências são exemplos da faceta social da velhice, ou seja, como o seu significado variou ao longo da história a depender da sociedade observada. Tais diferenças apontam, principalmente, para traços culturais dessas comunidades em que determinados elementos ou características das pessoas de mais idade eram percebidas como valorosas ou não. Esse resgate se faz importante na medida em que localiza historicamente a velhice, permitindo o confronto entre a visão atual e as demais. Além disso, possibilita também o

entendimento de que se ela foi assim construída pode da mesma forma ser modificada.

Em resposta à questão explicitada na epígrafe que deu início a essa seção, a saber, "Como deveria ser uma sociedade para que, na velhice, um homem permanecesse um homem?", a própria Beauvoir (1990, p. 664) argumenta "A resposta é simples: seria preciso que ele fosse sempre tratado como homem. Pela sorte que destina a seus membros, a sociedade desmascara-se". Diante dessas considerações, a seguir será discutido o envelhecimento na sociedade contemporânea.

A VELHICE NA CONTEMPORANEIDADE: INVENÇÃO DA TERCEIRA IDADE

Qual é o lugar do velho em nossa sociedade contemporânea? Podemos dizer que há um estranhamento em relação ao velho em nossa sociedade, uma vez que esta é marcada pela busca da eterna jovialidade e produtividade. Diante disso, com o passar dos anos ele deixa de ser reconhecido pelos outros que, pelo próprio medo do envelhecimento e da morte, não querem estabelecer com ele qualquer tipo de identificação. No texto de Hannah Arendt (1997, p. 61, grifos nossos), em nota de rodapé, essa questão da representação da velhice é citada:

Para os vivos, a morte é, antes de mais nada, o des-aparecimento. Mas, ao contrário do que ocorre com a dor, há um aspecto da morte no qual é como se ela aparecesse entre os vivos: na velhice. Goethe observou certa vez que envelhecer é desaparecer gradualmente.

Como bem notou Simone de Beauvoir (1990, p. 266), isso se dá pela percepção do velho como uma “espécie estranha”, com o qual não conseguimos estabelecer um laço de reciprocidade. A reciprocidade é entendida aqui como o processo de se reconhecer no outro e com ele estabelecer projetos em comum. Tendo em vista a ausência de reciprocidade, retomamos a questão: de que projetos o velho participa na sociedade contemporânea?

Nesse momento é válido trazer, ainda que pontualmente, elementos que nos permitem fazer uma leitura do cenário social contemporâneo. Dentre as possibilidades de análise social destacamos essa compreensão de que vivemos em uma sociedade capitalista narcisista (Lasch, 1983; Wanderley, 1999; Birman, 2009), em que o culto ao corpo e a valorização exacerbada da imagem tornaram-se imperativos. Diante de uma preocupação quase que exclusiva com o eu e com o agora, as pessoas experimentam um silenciamento da alteridade e um sentido de descontinuidade histórica. Associada a esse contexto tem-se uma cultura que aposta no consumo a atividade definidora do quem sou eu. E onde está a velhice nesse contexto? Empreende-se uma luta contra qualquer traço físico ou

psicológico que deponha contra a tão valorizada juventude. Academias de ginástica, tratamentos estéticos, *best sellers* contendo a fórmula da existência saudável, mudanças de estilo de vida - todos os recursos estão disponíveis para que os indivíduos se adequem ao padrão desejado. Complementando com o que afirma Sais (2011), a velhice inserida nesse cenário é entendida como um dispositivo e nesse sentido é passível de ser gerido, trabalhado e controlado.

Um dos movimentos recentes de gestão dos velhos se deu a partir da criação do termo Terceira Idade (ou Melhor Idade). Este foi criado nos anos 70, na França, a partir da constituição das Universidades dedicadas ao público idoso. Em pouco tempo, segundo Debert (1997), o termo ganhou popularidade no Brasil por ser uma denominação ainda não carregada de conotação pejorativa. Quanto ao seu significado, não se refere a uma idade específica, mas é utilizada genericamente para se referir às pessoas de mais idade. De acordo com a autora, a criação da categoria Terceira Idade é “[...] fruto do processo crescente de socialização da gestão da velhice” (Debert, 1997, p. 1), em que essa questão deixou de ser exclusivamente pertencente à esfera familiar e passou a ser uma questão pública. Neste sentido, emergiu uma nova classe de pessoas, os idosos, que pela sua expressividade impõe à sociedade a necessidade de regras e modos específicos de gestão.

No que tange aos programas voltados para esse público da Terceira Idade, a autora relaciona desde iniciativas de agências públicas até as da iniciativa privada. Expõe-se que alguns destes programas foram criados ainda na década de 60, mas foi somente nos anos 90 que estes se disseminaram significativamente. Segundo a autora, no Brasil, a extinta Legião Brasileira de Assistência (LBA), o Serviço Social do Comércio (SESC) e as Universidades para Terceira Idade foram as instituições pioneiras neste tipo de atendimento. Depois dessas, inúmeras iniciativas foram desenvolvidas (Debert, 1997).

É relevante destacar que, nestes programas criados para a chamada Terceira Idade, a maior parte das atividades se liga à recreação, como encontros de dança, passeios programados, atividades físicas, ou então, como no caso das universidades, consistem em aulas e conferências. Um aspecto interessante é que grande parte do público desses programas é constituído por mulheres, sendo que os homens somam apenas cerca de 20% dos envolvidos. Outro fator relevante que retrata o fato de que estes programas não compreendem a totalidade da população idosa é que a faixa etária dos participantes não passa dos 70 anos, ou seja, corresponde a um público relativamente jovem (Debert, 1997).

Neste sentido, Debert (1997) argumenta que é ilusório pensar que essa mudança de percepção sobre o envelhecimento significa o aceite das diferenças e um

avanço em termos de uma tolerância à idade. Pelo contrário, esta significa, principalmente, a valorização da juventude e uma responsabilização do idoso por optar ou não por essa experiência. Percebe-se, neste sentido, que a autora reconhece a necessidade de rever as representações da velhice associadas a um grupo de pessoas que precisa ser defendido, mas que isso também não significa que esta fase da vida e suas implicações deva ser algo que está à mercê do desejo das pessoas.

É importante ressaltar que estas 'novas' categorizações acabam por delinear também as políticas públicas direcionadas ao público idoso. Ressaltando-se novamente a questão da diversidade do idoso brasileiro, Debert (1997, p. 22) levanta questionamentos fundamentais que podem servir como ponto de partida para a discussão sobre as políticas públicas:

Serão os velhos vistos como seres inativos, cujo único compromisso é desfrutar dos prazeres da vida? Serão as conquistas sociais da velhice vistas como prerrogativas de seres injustamente privilegiados que consomem, de maneira avassaladora, tanto as heranças que poderiam ser alocadas para os grupos mais jovens na família quanto aos recursos públicos que deveriam ser distribuídos para outros seres da sociedade?

Especialmente a segunda questão suscita a reflexão sobre o fato de que se realmente a sociedade, tal como ela tem sido construída atualmente, tem se orientado sob a perspectiva de uma sociedade para todas as idades. Wong e Carvalho (2006) da mesma forma questionam essa possibilidade especialmente no caso brasileiro, argumentando que o país ainda não conseguiu superar suas barreiras na distribuição tanto de renda quanto de serviços sociais, as quais ainda são notadamente injustas, embora recentemente tenha apresentado melhorias significativas.

Em uma crítica ao Estado Neoliberal, Peres (2007, p. 150) argumenta que a criação de políticas voltadas para a Terceira Idade relaciona-se ao processo de “privatização ou mercantilização das políticas sociais”, em que o objetivo maior consiste na desmobilização dos movimentos sociais. Para o autor, esse processo se realiza na medida em que as ONG’s – ou instituições similares – assumem para si as causas dos segmentos desfavorecidos, desresponsabilizando o Estado pela concessão de direitos mínimos. Sendo assim, o efeito alcançado seria o de pacificação das demandas colocadas pelos atores da sociedade civil, por meio da criação de intermediários.

Associado a esse cenário, foram criados aparatos legais, como a Política Nacional do Idoso e o Conselho Nacional de Direito dos Idosos. Embora, aparentemente, essas

criações possam significar um avanço em termos do reconhecimento da importância de assegurar os direitos dessa parcela populacional, Peres (2007) argumenta serem também formas do poder público manter sob controle esse novo ator político que se manifestara, trazendo suas manifestações para o âmbito do discurso institucional.

A VELHICE NO CINEMA

Partimos aqui do entendimento de que o cinema, embora possa ser considerado como um meio de cultura de massa, também se presta a suscitar reflexões acerca de questões sociais, culturais e individuais. O cinema, nesse sentido, seria capaz de trazer uma dimensão emocional e afetar os sujeitos, algo que é extremamente importante quando se pensa em promover qualquer tipo de transformação (Cabrera, 2016). Dessa forma, há uma aproximação entre o cinema e a filosofia, nos moldes apresentados por Deleuze (1992). Roberto Machado (2009), baseia-se no autor para dizer que assim como os grandes filósofos criam conceitos, podemos compreender o poder criativo dos cineastas. E como afirma Marques (2013, p. 6) "[...] vale ressaltar que o cinema não é um simples reflexo da realidade e que os filmes não copiam a vida cultural nem as pessoas fazem exatamente o que é mostrado ou sugerido neles. O cinema interage com as outras séries culturais em um processo de reelaborações mútuas". Deleuze (1992), nesse

sentido, afirma que o cinema permite experimentações, o que o torna um mecanismo privilegiado de nos fazer refletir por de imagens e signos.

E como o cinema tem abordado a velhice? Alguns trabalhos dedicaram-se a compreender como esse fenômeno tem sido capturado (Peixoto, 1999; Oliveira, Oliveira & Iguma, 2007; Gomes, 2012; Santos, 2013; Santana & Belchior, 2013; Yamanaka, 2014; Santos & Araújo, 2016). Peixoto (1999) realiza um estudo sobre as imagens e representações da velhice em dois documentários, desenvolvidos por antropólogas francesas: *Le reflet dela vie*, de Eliane de Latour e *Dames de Coeur*, de Virginie de Véricourt. Até mesmo em função do caráter antropológico dos documentários, as cenas são prioritariamente narrativas detalhadas de histórias sobre infância, relacionamentos amorosos e familiares. O autor discute a multiplicidade de velhices que são apresentadas, abarcando desde retratos de solidão e abandona até a expressão de um tempo de liberdade e de possibilidades de novas vivências.

Santos (2013) se dedicou a compreender imaginários da velhice feminina no cinema brasileiro, baseando-se teoricamente nos Estudos Culturais da Comunicação e os Estudos Feministas do Cinema. Os filmes analisados foram "Chega de Saudade", "O outro lado da rua" e "Em Durval Discos", os quais evidenciaram discussões sobre o corpo envelhecido e sobre as debilidades físicas,

bem como as doenças psicológicas. Outras temáticas importantes levantadas na análise dessas obras foram a vivência da sexualidade, os conflitos geracionais e a improdutividade profissional. Mas a principal contribuição do trabalho, segundo a própria autora, remete às desigualdades entre o envelhecimento feminino e o masculino.

O estudo de Santana e Belchior (2013) chama particularmente a atenção pela proposta de construir um panorama sobre a mudança nos papéis ocupacionais dos idosos representados no cinema. Para tanto, realizaram um levantamento de filmes que haviam sido lançados entre 2000 e 2012, com o critério de que tivessem o idoso e o processo de envelhecimento como elementos centrais. Buscou-se, a partir das narrativas dos filmes, identificar os papéis sociais retratados e as mudanças que puderam ser observadas. O *corpus* da pesquisa foi definido: 23 obras cinematográficas foram analisadas, incluindo nacionais e internacionais. Como resultados as autoras perceberam que os papéis ocupacionais perdidos consistem, em sua maioria, naqueles associados a produtividade e ao mundo do trabalho. Quanto aos papéis mantidos, as autoras destacam especialmente os de pai e mãe, os quais de fato, permanecem mesmo com o avançar da idade. Na perspectiva de papéis adquiridos percebem-se a valorização do papel de amigo e aqueles associados à busca pela qualidade de

vida, ou seja, o exercício de atividades que antes não faziam parte da rotina desses sujeitos.

De uma forma geral, esses trabalhos tratam de estereótipos da velhice e analisam os filmes de forma a identificá-los, cada qual com sua abordagem teórica e epistemológica. Vamos, nesse momento, nos juntar a esse grupo discutindo sobre a velhice apresentada nas obras "Copacabana" e "E se vivêssemos todos juntos?".

"COPACABANA" E "E SE VIVÊSSEMOS TODOS JUNTOS?": O QUE ELES TÊM A NOS DIZER SOBRE A VELHICE?

Como colocado anteriormente, escolhemos analisar os dois filmes em questão justamente pela forma como abordam a velhice, em vários momentos desconstruindo estereótipos e concepções já enraizadas sobre o sujeito velho. O que une "Copacabana" e "E se vivêssemos todos juntos?" é o tipo de narrativa a partir do qual foram construídos: ambos contam histórias de vida e do cotidiano de sujeitos velhos. Este é o enredo maior², ou seja, o foco está na simplicidade (extremamente complexa) de retratar as dificuldades e questões que perpassam

² Quando dizemos que a velhice é o enredo maior dos dois filmes obviamente não desconsideramos, por exemplo, o roteiro estruturado que envolve, no caso de "Copacabana", a história do próprio bairro (que inclusive dá nome ao filme). Da mesma forma, em "E se vivêssemos todos juntos?", há também um enredo sobre os casais, mas o que argumentamos é que a espinha dorsal das duas produções é constituída pela história de vida dos sujeitos velhos.

o dia a dia desses sujeitos. O que chama a atenção, como sinaliza Sais (2011, p. 39) é que se trata de "[...] um grupo de homens e mulheres com mais de 70 anos e que estão longe de se constituírem em um grupo de Terceira Idade". Neste trecho o autor se refere especificamente aos personagens do filme "Copacabana", descrição esta que claramente pode ser estendida aos velhos de "E se vivéssemos todos juntos?".

É este o tom que marca a análise que empreendemos nesse ensaio: discutir, por meio dessas obras cinematográficas, a quebra de estereótipos que fundamentam a construção abstrata do que se tem chamado de Terceira Idade, ou ainda, de Melhor Idade. Concordamos com Doll (2006) sobre a necessidade de suplantarmos um entendimento generalizante de que o bem-estar na velhice estaria associado basicamente aos fatores de saúde, relações sociais e situação econômica. Nesse sentido, o autor nos convida a olhar atentamente para a perspectiva dos próprios idosos sobre a sua condição, trazendo à tona justamente aspectos do cotidiano que marcam a construção do que é ser velho na contemporaneidade. Nesse sentido, interessa-nos identificar que categorias temáticas emergem das obras selecionadas (abordagem indutiva), de modo a trazer elementos para contribuir com o debate no campo dos estudos sobre envelhecimento e velhice. Embora em uma produção cinematográfica vários aspectos possam ser observados (luz, enquadramentos, trilha sonora) focamos, para a realização da análise, no

conteúdo das falas e representações, ou seja, nos dedicamos a uma análise de conteúdo temática a partir da formação de categorias (Moraes, 1999).

O filme "Copacabana" tem como personagem principal Alberto, um senhor que está prestes a completar seus noventa anos de idade. O filme inicia com o seu funeral e, a partir de então, brinca com a temporalidade mostrando ora o contexto atual, ora momentos do passado do personagem que também ricamente contam a história de Copacabana. Alberto possui muitos amigos, a maior parte da mesma geração – são velhos e velhas com mais de 70 anos que se reúnem para conversar e, principalmente, jogar. Com a chegada do aniversário de Alberto, eles organizam uma festa surpresa para o personagem que deixa claro, a todo o momento, que não deseja comemorar: "Nunca me avisaram o horror que é fazer 90 anos".

Ainda no momento inicial do filme, dentro do caixão ele narra: "Quando a tampa fecha, fecha-se o ciclo da vida. Duas datas: a do nosso nascimento e a da nossa morte; e no meio uma infinidade de acontecimentos, amores, dores, almas que se escasseiam e por fim...". A partir de então o próprio Alberto começa a narrar sua história, lembrando do momento em que foi abandonado pela mãe em frente a igreja de Nossa Senhora de Copacabana. Posteriormente ele é adotado e se torna inseparável de sua irmã, sobre quem diz: "[...] ela era meu espelho nesse mundo

inconstante". Entre idas e vindas no tempo, o personagem relembra momentos importantes que se deram na intersecção de sua história com a do bairro: a fundação da Igreja de Copacabana; o Movimento dos 18 do Forte; os bordéis e suas dançarinas; a passagem do Graf Zeppelin; a luxuosa inauguração do Copacabana Palace Hotel.

"E se vivéssemos todos juntos?" conta a história de dois casais de idosos e um viúvo, amigos há muitos anos. O primeiro personagem apresentado é Jean, um militante político casado com Annie, moradores de uma bela casa herdada por ela de sua família. O outro casal é Albert e Jeanne, ele sofre do mal de Alzheimer e ela é professora aposentada de filosofia, a qual se descobre acometida por um câncer cerebral. O quinto personagem é Claude, um fotógrafo viúvo, que está sempre com reunido com eles e é conhecido pelo seu interesse em mulheres – está constantemente envolvido com garotas de programa. Ao longo do filme, revela-se que Claude foi amante de Annie e de Jeanne na mesma época, encontrando-se com um nas terças-feiras e a outra nas quintas.

O título do longa é dito logo no início pelo Jean, casado com Annie, quando lamentava a necessidade de que a roda de conversa terminasse porque os amigos tinham que retornar para casa. Assim ele diz: "Se vivéssemos todos juntos isso não seria preciso". Sua mulher inicialmente o recrimina, dizendo achar essa

ideia absurda. Após o infarto sofrido por Claude (fotógrafo viúvo), ele é colocado em uma instituição asilar pelo seu filho e recebe a visita de seus amigos. Indignados pela situação em que encontraram o amigo, fugiram levando-o e desde então todos passam a viver juntos na casa de Jean e Annie. A partir desse momento desenrolam-se as situações e vivências comuns desses velhos. É interessante que, em meio a essa situação, Albert contrata um rapaz para passear com seu cachorro, uma vez que ele não mais poderia fazê-lo. Conversando com Jeanne, ela descobre que o rapaz é um estudante de doutorado interessado em pesquisar sobre o envelhecimento. No decorrer da história, ele acaba por mudar-se também para a casa de Jean e Annie, para viver e pesquisar o comportamento do grupo.

Revisitamos sucessivamente as obras e categorizamos as principais temáticas abordadas em comum, a saber: a vivência da sexualidade; da invisibilidade naturalizada à morte e o fantasma da dependência e o desejo de autonomia. São aspectos que emergiram e que contribuem para a problematização proposta neste ensaio. O convite é que cada leitor se aventure como espectador e se permita identificar essas e outras temáticas.

A VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE

Nos dois filmes a questão da vivência da sexualidade na velhice é colocada em evidência. Beauvoir (1990, p. 10) problematiza, dizendo

Se os velhos manifestam os mesmos desejos, os mesmos sentimentos, as mesmas reivindicações que os jovens, eles escandalizam; neles, o amor, o ciúme parecem odiosos ou ridículos, a sexualidade repugnante, a violência irrisória. Devem dar o exemplo de todas as virtudes. [...] Que domina de muito alto a condição humana; se dela se afastam, caem no outro extremo: a imagem que se opõe à primeira é a do velho louco que caduca e delira e de quem as crianças zombam. De qualquer maneira, por sua virtude ou por sua abjeção, os velhos situam-se fora da humanidade. Pode-se, portanto, sem escrúpulo, recusar-lhes o mínimo julgado necessário para levar uma vida de homem.

Em "Copacabana", em meio as suas lembranças, Alberto traz à tona os prazeres sentidos ao longo da vida e, diante de uma cena constrangedora em que beija uma mulher lembrando-se do passado, diz: "O que não faz a memória viril de um velho... extasiado com a lembrança do primeiro gozo pensava apenas no desejo que não adormece, apenas cochila...". Ainda sobre o tema, aparece Jacira, uma senhora de 78 anos em uma cômica cena em que se masturba no meio da sala

com a almofada, chocando a filha: "Mãe, não é normal sentir isso o tempo todo!", denunciando que aquela era uma prática constante.

Em "E se vivêssemos todos juntos?", o sexo e a busca por prazer também são presentes. A primeira demonstração é a cena amorosa de Jean e Annie, revelando que o casal, embora com a idade avançada, ainda mantém relações sexuais. Mas o foco dessa questão recai sobre o viúvo Claude, que se relaciona frequentemente com garotas de programa de forma a saciar seus desejos sexuais. Após sofrer o infarto, ele confia ao rapaz que os médicos não querem mais receitar para ele remédios estimulantes de ereção. Inicialmente, o rapaz se surpreende pelo fato de Claude, com a idade avançada, ainda utilizar esse tipo de medicamento, mas logo é convencido a ajudá-lo fornecendo a droga. O sexo também aparece nas conversas entre Jeanne e o rapaz, nos momentos de passeio com o cachorro de Albert. Jeanne o provoca perguntando se em sua pesquisa ele não falaria da vida sexual dos idosos e ele fica constrangido. Jeanne logo retruca: "Nós não somos anjos!". Nesse sentido, fala-se claramente sobre o estereótipo de que os idosos não têm interesse por sexo, ou mesmo desejos. Na conversa, Jeanne conta a ele que costuma se masturbar e que tem fantasias, por vezes com homens de sua idade, mas também com homens mais jovens.

Nesse sentido, percebemos nos filmes uma tentativa de desconstruir o estereótipo de que sujeitos que atingem uma idade avançada estariam "imunes" aos desejos sexuais, na verdade, eles seriam vistos como assexuados (Santos, 2006). Discute-se que essa dificuldade de aceitação em relação a sexualidade se torna ainda mais difícil em relação as velhas, pois cruza-se nesse sentido a velhice e as desigualdades de gênero (Nascimento, 2001).

DA INVISIBILIDADE NATURALIZADA À MORTE

Logo no início de "E se vivéssemos todos juntos?" uma cena chama a atenção para a questão da invisibilidade e as consequências desta para a vida dos idosos. O filme começa com Jean liderando um protesto em frente a uma moradia popular. Tudo indica tratar-se de uma revolta contra a atitude da polícia de desabrigar moradores e assim ele, à frente da multidão e com um megafone em mãos, entoava frases de resistência e luta. Sem sequer olhar para ele, os policiais seguem o processo de desocupação e chegam até as pessoas. Naquele momento, podemos ver na face de Jean o sentimento de invisibilidade por ele ter sido claramente ignorado naquele contexto. A sensação ao telespectador é que na sua história de militante Jean tenha provavelmente sido mais ouvido e respeitado em suas causas. Mais tarde, em outra cena, a questão da invisibilidade é confirmada quando ele comenta com Claude e Albert que naquele ano ele não viajaria em

missão, pois seu seguro não mais o cobriria. Ele diz: "Não sabia que havia idade para a solidariedade".

Essas cenas marcam a invisibilidade que ainda cerca os velhos atualmente. Embora em termos numéricos essa participação esteja em pleno crescimento, a participação política e social desses sujeitos ainda é considerada pouco expressiva. Eles acabam por não ter voz e serem considerados apenas seres de cuidado. Nesse sentido, esses sujeitos são excluídos dos espaços de discussão, como se eles não tivessem nada a dizer. Tal exclusão lhes nega a própria condição de sujeitos, como se o tempo tivesse estabelecido a 'validade' de sua participação no mundo social (Debert, 1997).

Associada a invisibilidade, a morte é tratada nos dois filmes de forma leve e bem humorada. Isso não significa, entretanto, que o temor não se faça presente. Alberto, em "Copacabana", demonstra esse medo que se intensifica com a chegada dos seus 90 anos. No seu velório, enquanto cada amigo revive momentos especiais relembrando histórias do passado, ao mesmo tempo fica clara a dor pela perda do amigo... São muitas lágrimas e desejos de que outras histórias ainda pudessem ser construídas. Rosenberg (1992) chama a atenção para o fato de que, embora na velhice a morte possa ser encarada de forma mais natural, isso não significa que

esses sujeitos sintam menor temor e angústia ao vivenciarem a perda de algum ente querido ou mesmo ao refletirem sobre a própria finitude.

O longa surpreende quando, após a noite toda de velório, Alberto "acorda" e se levanta, causando um enfarto em um de seus amigos. Na verdade, Alberto sofre de catalepsia - uma paralisia de todos os músculos, o que impede a pessoa de falar ou se mexer, assemelhando-se a uma pessoa morta. Outra cena cômica se repete ao longo do filme e está diretamente relacionada à questão da morte. O porteiro do prédio de Alberto e o zelador estão permanentemente apostando quem será o primeiro do grupo de amigos a morrer. A cada fato novo presenciado por eles as apostas mudam, seguindo a intuição de cada um sobre as maiores probabilidades. Tal cena inevitavelmente arranca risos por se tratar de uma questão mórbida, trabalhada no filme com muita leveza: "Quem você acha que empacota primeiro?". Ironicamente, ao final do filme, os dois morrem atropelados em frente ao prédio em que trabalham e que vive Alberto, trazendo à tona a reflexão de que a morte não é uma possibilidade apenas para velhos. Uma das amigas de Alberto, ao ver a cena do acidente, diz: "Para morrer, basta estar vivo. Não era isso que dizia Machado de Assis, em Memórias póstumas de Brás Cubas?".

Em "E se vivéssemos todos juntos?" a morte é abordada na história de Jeanne, a ex-professora que recebe o diagnóstico de um câncer cerebral e se recusa a

operar-se. Certa de seus poucos dias de vida, ela começa a preparar seu funeral e enterro, o que inclui a escolha do caixão. Ao visitar uma empresa especializada, ela questiona se seria possível a encomenda de uma urna de cor diferente, a qual é revelada apenas no final do longa quando do seu enterro: um caixão rosa. Em seu funeral, como ela mesma organizou, há uma torre de champanhe para que seus amigos pudessem com ela fazer um último brinde. Toda essa preparação tende a incomodar o espectador, uma vez que significa, em certa medida, a aceitação e o preparo diante da morte, algo que não é comum e esperado.

O FANTASMA DA DEPENDÊNCIA E O DESEJO DE AUTONOMIA

A dependência física e emocional é algo que certamente assusta e incomoda os velhos. Tal incômodo se mostra evidente em "E se vivêssemos todos juntos?" quando Claude, conversando com os amigos, reclama do excesso de cuidado do filho que diz para que ele esteja constantemente atento, por exemplo, para não cair e se machucar. Aqui podemos recuperar a visão do idoso como um ser de cuidado, que se assemelha a uma criança. Nesse sentido, ele deve ser tutelado e protegido. O filho de Claude não sabe e não aprovaria caso viesse a descobrir as aventuras do pai com as garotas de programa. Sua fala mostra um descontentamento com essa a percepção do filho: "Ele acha que porque a mãe morreu eu vou morrer também". Algum tempo depois, quando do sofrimento do infarto, o filho de Claude o coloca em um asilo particular.

Outra cena importante e que diz respeito ao desejo de se manter autônomo aparece no exercício diário de Albert de escrever em seu caderno de anotações fatos que considera importantes. Tal exercício de Albert é necessário em função dos lapsos de memória, consequência do Mal de Alzheimer. Ao ler o que escreveu em outros momentos, Albert retoma os acontecimentos e recobra a rédea de sua história.

Falando sobre autonomia, esta pode ser claramente observada no momento em que os amigos, ao se reunirem para viver juntos na casa de Jean e Annie, param um momento para discutirem as regras dessa vivência em comunidade. Jean inicia a discussão propondo algumas regras e logo os demais se posicionam contrários às suas propostas. Jeanne explica que se quisessem viver sob regras rígidas era melhor que eles optassem por uma instituição, em que a rotina é totalmente sistematizada com horários e afazeres. Mucida (2006, p. 86, grifo nosso) explica justamente o que Jeanne quis expressar em sua argumentação esclarecendo que nessas instituições vigora "a mesma prática do apagamento das diferenças; mesma comida, horários pré-determinados para as refeições, banho e outras atividades. (...) A demanda é de que os sujeitos apaguem seus traços particulares a favor do bom funcionamento da mesma".

Em "Copacabana" uma conversa durante um jogo de cartas da mesma forma sinaliza esse desejo de se manterem independentes, até mesmo, de evitar o reconhecimento/estigma enquanto sujeitos velhos. Um dos amigos de Alberto reclama com os demais sobre dores nos pés em função do tempo em que ficou em pé na fila do banco no dia anterior. Um das idosas logo o questiona: "Porque você não ficou na fila dos idosos?". Ele logo diz que não gosta de usá-la, dando a entender justamente que utilizá-la seria reconhecer sua fragilidade e especificidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ensaio nos propusemos a analisar como a velhice é apresentada e problematizada nos filmes "Copacabana" e "E se vivêssemos todos juntos?", tendo como pano de fundo uma crítica sobre o lugar do velho em nossa sociedade contemporânea e os impactos dessas representações para as organizações de uma forma geral. Nas duas produções histórias de vida de velhos e velhas foram contadas, evidenciando aspectos importantes como a sexualidade, a morte, o desejo de independência e autonomia. Partimos do entendimento de que os filmes podem e devem ser utilizados para realizar uma análise crítica do mundo em que vivemos (Deleuze, 1992). Em especial quando falamos na velhice, nos interessa o movimento de desconstrução que perpassa pela quebra de estereótipos conformadores de valores e práticas.

Essa preocupação gira em torno da criação de categorias como é o caso da Terceira Idade, ou Melhor Idade, que tem como objetivo principal apresentar um "novo" envelhecimento interessante do ponto de vista social, econômico e político. Tal velho que se inscreve nesse categoria seria aquele positivo, saudável, ativo e produtivo. O problema está na percepção – e imposição – de que essa categoria seja reflexo da população que atinge idades avançadas. Se a velhice é um dispositivo (Sais, 2011), a Terceira Idade é uma de suas principais ferramentas conformadoras. Entendemos que há, nesse processo, uma tentativa de se estabelecer laços simbólicos capazes de forjar uma identidade entre indivíduos que, sob uma série de outros aspectos, são heterogêneos. Como lidar com essa diversidade?

Os idosos ficcionais representados nos filmes analisados não se enquadram nessa formação da Terceira Idade e os elementos retratados nos desafiam a conhecer justamente a diversidade que dela destoa. Dito de outro modo, a criação regulatória dessa categoria pode nos levar a ignorar essas vivências subjetivas do envelhecimento – sexualidade, morte, autonomia – que precisam ser consideradas quando, por exemplo, da definição de ações e práticas que envolvam essa população. Algumas situações cotidianas podem nos ajudar a elucidar o que estamos argumentando acerca dos impactos dessas representações e estereótipos do ponto de vista social e organizacional.

De acordo com o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (2016), de 1980 a junho de 2016 foram identificados no Brasil 842.710 casos de AIDS. Nos últimos dez anos observou-se um aumento da taxa de detecção de AIDS entre homens com 60 anos ou mais e, entre as mulheres nessa mesma faixa etária, relata-se que houve 24,8% de aumento de 2006 para 2015. Em revisão de literatura sobre doenças sexualmente transmissíveis (DST) em idosos publicada em 2015 no periódico *Ciência e Saúde Coletiva*, Dornelas Neto *et al.* (2015) explicitam a conclusão de que os idosos não constituem foco das políticas que envolvem as DST, o que reforça um desconhecimento ou ineficiência frente às mudanças de comportamento desses sujeitos, bem como de seu perfil epidemiológico. Grande parte das dificuldades relacionadas a essas doenças associa-se à representação errônea de que a sexualidade não é exercida na velhice. Como colocam os autores (2015, p. 3862), “Mais uma vez, a falta de reconhecimento da sexualidade faz com que todos os esforços de prevenção, diagnóstico e tratamento sejam voltados para populações mais jovens e naquelas percebidas como mais vulneráveis”. Nesse sentido, podemos evocar aqui duas das categorias identificadas na análise: a questão da sexualidade e da invisibilidade.

Mas tal invisibilidade pode ser deixada de lado em prol de objetivos econômicos. Retomando a discussão sobre o cenário capitalista e narcisista que marca a sociedade contemporânea (Lasch, 1983; Wanderley, 1999; Birman, 2009), o temor

frente à velhice abre espaço para um mercado consumidor promissor. Nesse sentido, as empresas – que excluem esse sujeito considerado improdutivo como trabalhador – o incluem via consumo. Soma-se a isso a constatação de que, em decorrência da situação de vulnerabilidade social vivenciada por boa parte das famílias, grande parte dos aposentados passou a ocupar o papel de provedores do lar, tornando-se agentes determinantes nas decisões de compra da família. Atento a esse cenário, o discurso de valorização da maturidade – em que o envelhecimento se liga a um tempo de prazer – é constantemente veiculado visando explorar esse mercado potencial por meio da oferta de produtos e serviços especializados: são pacotes de viagens, grupos de ginásticas, remédios, pacotes estéticos, dentre outros (Debert, 1997). As empresas tornam-se, portanto, (re)produtoras desse discurso sobre a “Melhor Idade”, contribuindo para a manutenção dessa suposta homogeneidade generalizante.

Outro exemplo de implicação dessas representações foi apresentada e discutida por Barreto e Paes de Paula (2015) em pesquisa que abordou o cotidiano de trabalho em Instituições de Longa Permanência para Idosos. Um dos aspectos identificados na investigação diz respeito à atuação dos profissionais em relação aos idosos institucionalizados, a qual é pautada prioritariamente em uma concepção desses sujeitos como seres de cuidados. Nesse sentido, tornou-se evidente no estudo a ausência da participação dos velhos nas decisões cotidianas

da instituição, como por exemplo, sobre as atividades que são ofertadas e desenvolvidas por eles. Como consequência, tem-se uma percepção por parte dos profissionais de que esses idosos são desinteressados e preguiçosos, enquanto na realidade eles não são consultados sobre desejos e expectativas em relação não apenas às atividades, mas sobre a instituição de uma forma geral. Nesse sentido, o estudo demonstrou um *gap* entre percepções e expectativas dos profissionais e dos sujeitos velhos. Não estaríamos aqui falando sobre uma questão que exprime um entrave ao exercício da autonomia e independência pelos idosos?

Sem nenhuma pretensão conclusiva, entendemos que as contribuições desse ensaio perpassam por problematizar um tema que é extremamente complexo, mas que generosamente se abre para a pesquisa acadêmica e para o universo do cinema. No que tange aos Estudos Organizacionais, há uma agenda de pesquisa a ser explorada envolvendo o papel das organizações nesse contexto de envelhecimento populacional, principalmente no que diz respeito a uma perspectiva crítica centrada nos sujeitos e na sua vida cotidiana, para além, por exemplo, de seus hábitos de consumo. No que tange ao cinema, destacamos e defendemos a suas potencialidades subversivas para debater não apenas essa, mas outras temáticas - um cinema pensamento no sentido Deleuziano.

REFERÊNCIAS

Arendt, H. (1997). *A condição humana* (8a ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Barreto, R. O. & Paula, A. P. P. (2015). *Envelhecer ou não envelhecer, não é a questão: os desafios subjetivos inerentes ao trabalho com idosos. Anais do Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, Belo Horizonte, MG, Brasil, XXXI.

Beauvoir, S. (1990). *A velhice: realidade incômoda* (2a ed.). São Paulo: Difel. [1970]

Belchior, C. G. & Santana, C. S. (2013). A velhice nas telas do cinema: um olhar sobre a mudança dos papéis ocupacionais dos idosos. *Revista Kairós Gerontologia*, 16(2), 93-116.

Birman, J. (2009). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação* (2a ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Brasil. (2016). Ministério da Saúde. *Boletim epidemiológico HIV/AIDS*. v. 48. Recuperado em 20 janeiro, 2018, de: http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/janeiro/05/2016_034-Aids_publicacao.pdf.



Bosi, E. (1983). *Memórias e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz.

Cabrera, J. (2006). *O cinema pensa*. Rio de Janeiro: Rocco.

COPACABANA. (2001). Direção: Carla Camurati. [Brasil]: Europa filmes; Imagem filmes. 1 DVD (92 min.).

Debert, G. G. (1999). *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: EDUSP.

Debert, G. G. (1997). A reinvenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 12(34), 39-56.

Debert, G. G. (2008). A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: M. M. L. Barros (Ed.) *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: FGV.

Deleuze, G. (1992). *Conversações*. São Paulo: 34.

Doll, J. (2006). Bem-estar na velhice: mitos, verdades e discursos, ou a gerontologia na pós-modernidade. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 3(1), 9-21.



"COPACABANA" E "E SE VIVÉSSEMOS TODOS JUNTOS?":
UM ENSAIO SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DO CINEMA ACERCA DA VELHICE NA CONTEMPORANEIDADE

Dornelas Neto, J., Nakamura, A. S., Cortez, L. E. R., & Yamaguchi, M. U. (2015). Doenças sexualmente transmissíveis em idosos: uma revisão sistemática. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(12), 3853-3864.

E se vivéssemos todos juntos? Direção: Stéphane Robelin. [França, Alemanha]: Imovision. 1 DVD. (92 min.)

Foucault, M. (2010). *Nascimento da biopolítica*: Lisboa: Edições 70.

Huczynski, A. & Buchanan, D. (2004). Theory from fiction: a narrative process perspective on the pedagogical use of feature film. *Journal of Management Education*, 28(6), 707-726.

Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago.

Machado, R. (2009). *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Marques, S. C. A. (2009). *O cinema da paixão: cultura espanhola na mídia*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, Sp, Brasil.

Marques, S. C. A. (2013). O cinema como ferramenta de análise e transformação cultural: o franquismo em Bigas Luna. *Semeiosis: Semiótica e Transdisciplinaridade em Revista*. Recuperado em 20 janeiro, 2018, de: <http://www.semeiosis.com.br/u/64>.

Moraes, R. (1999). *Análise de conteúdo*. *Revista Educação*, 22(37), 7-32.

Mucida, Â. (2006). *O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice* (2a ed.). Belo Horizonte: Autêntica.

Nascimento, F. D. S. (2011). Velhice feminina: emoção na dança e coerção do papel de avó. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, 10(30), 457-505.

Oliveira, M. L., Oliveira, S. R., & Iguma, L. T. (2007). O processo de viver nos filmes: velhice, sexualidade e memória em Copacabana. *Texto Contexto Enfermagem*, 16(1), 157-162.

Peixoto, C. E. (1999). As imagens da velhice nas telas do cinema documentário. *Cadernos Pagu*, 13, 357-369.

"COPACABANA" E "E SE VIVÉSSEMOS TODOS JUNTOS?":
UM ENSAIO SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DO CINEMA ACERCA DA VELHICE NA CONTEMPORANEIDADE

Peres, M. A. C. (2007). *Velhice, trabalho e cidadania: as políticas da terceira idade e a resistência dos trabalhadores idosos à exclusão social*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Pesavento, S. J. (2003). *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica.

Rosenberg, R. L. (1992). Envelhecimento e morte. In: M. J. Kovács. *Morte e desenvolvimento humano* (pp. 58-89). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Sais, A. P. (2011). *Dispositivo da velhice: uma analítica interpretativa*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

Santos, M. C. (2013). *Construções imaginárias da velhice no cinema brasileiro*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

Santos, E. G. & Araújo, M. C. (2016). A velhice no século XXI e o cinema – relações com o ensino de biologia. *Revista da SBEnBio*, 9, 1263-1274.

Santos, S. S. (2006). Sexualidade e a velhice: uma abordagem psicanalítica. In: E. V. Freitas, L. Py, F. A. X. Cançado, J. Doll, & M. L. Gorzoni. (Orgs.). *Tratado de geriatria e gerontologia* (2a ed.) (pp. 1302-1306). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.



Tótorá, S. (2013). Genealogia da velhice. *Anais do Simpósio Nacional de História*, Natal, RN, Brasil, XXVII.

Wanderley, A. A. R. (1999). Narcisismo contemporâneo: uma abordagem laschiana. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 9(2), 31-47.

Wong, L. L. R. & Carvalho, J. A. (2006). O rápido processo de envelhecimento populacional do Brasil: sérios desafios para as políticas públicas. *Revista Brasileira Estudos Populacionais*, 23(1), 5-26.

"Copacabana" e "E se vivêssemos todos juntos?":

Um ensaio sobre as contribuições do cinema acerca da velhice na contemporaneidade

Resumo

A velhice é um tema que tem povoado as produções cinematográficas, contribuindo para a disseminação de determinadas representações sociais, legitimando comportamentos e modos de vida. Mas qual é realmente o lugar do velho na sociedade contemporânea? A criação recente de categorias como a Terceira Idade revela um discurso positivo sobre a velhice, destacando um ideal de sujeito ativo, saudável e produtivo. As organizações, sejam elas governamentais, empresas ou da sociedade civil constroem discursos e práticas a partir dessas representações, (re)produzindo-as. Nesse sentido, temos como objetivo neste ensaio analisar como a velhice é apresentada e problematizada nos filmes "Copacabana" e "E se vivêssemos todos juntos?", tendo como pano de fundo a crítica sobre o lugar ocupado pelo velho na sociedade contemporânea. As discussões trazidas visam refletir sobre quem são esses sujeitos e as especificidades que lhes são características, as quais escapam de categorizações genéricas e abstratas como a de Melhor Idade.

Palavras-chave

Velhice; Terceira Idade; Cinema; Representações; Estereótipos.

"Copacabana" and "What if we all lived together?": An theoretical paper about the contributions of the cinema about old age in contemporary times

Abstract

Old age is a theme that has been present in cinematographic productions, contributing to the dissemination of certain social representations, legitimizing behaviors and ways of life. But which really is the place of the old age people in contemporary society? The recent creation of categories such as the Third Age reveal a positive discourse about old age, highlighting an ideal person as active, healthy and productive. Organizations, whether governmental, business or civil society, are constructing discourses and practices from these representations, (re) producing them. In this sense, in this theoretical paper we aim to analyze how the old age is presented and discussed in the films "Copacabana" and "What if we all lived together?", having as the backdrop the place occupied by the old age in contemporary society. The discussions are aimed at reflecting on who these persons are and their specificities, which escape generic and abstract categories such as Best Age.

Keywords

Old age; Third Age; Movie theater; Representations; Stereotypes.

"Copacabana" y "¿Y si vivimos todos juntos?": Un ensayo sobre las contribuciones del cine acerca de la vejez en la contemporaneidad

Resumen

La vejez es un tema que ha poblado las producciones cinematográficas, contribuyendo a la diseminación de determinadas representaciones sociales, legitimando comportamientos y modos de vida. Pero cuál es realmente el lugar del viejo en la sociedad contemporánea? La reciente creación de categorías como la Tercera Edad revelan un discurso positivo sobre la vejez, destacando un ideal de sujeto activo, sano y productivo. Las organizaciones, ya sean gubernamentales, empresas o de la sociedad civil, construyen discursos y prácticas a partir de esas representaciones, (re) produciéndolas. En ese sentido, tenemos como objetivo en este ensayo analizar cómo la vejez es presentada y problematizada en las películas "Copacabana" y "¿Y si vivimos todos juntos?", Teniendo como alicerce la crítica sobre el lugar ocupado por el viejo en la sociedad contemporánea. Las discusiones traídas nos hacen reflexionar sobre quiénes son estos sujetos y las especificidades que les son características, las cuales escapan de categorizaciones genéricas y abstractas como la de Mejor Edad.

Palabras clave

Vejez; Tercera edad; Cine; Representaciones; Estereotipos.



Autoria

Raquel de Oliveira Barreto

Doutora em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Efetiva do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/6794282814637656>. <https://orcid.org/0000-0001-7424-5105>. E-mail: prof.raquel.barreto@gmail.com.

Alexandre de Pádua Carrieri

Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Titular da Universidade Federal de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/0555523196295968>. <https://orcid.org/0000-0001-8552-8717>. E-mail: alexandre@face.ufmg.br.

Endereço para correspondência

Raquel Oliveira Barreto. Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais. Fazenda do Meio Pé da Serra, s/n, BR 367, km 278, Araçuaí, MG, Brasil. CEP: 39600-000. Telefone: (+55 38) 32013099.

Como citar esta contribuição

Barreto, R. O. & Carrieri, A. P. (2018). "Copacabana" e "E se vivéssemos todos juntos?": um ensaio sobre as contribuições do cinema acerca da velhice na contemporaneidade. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 5(14), 1218-1264.

Contribuição submetida em 7 out. 2017. Aprovada em 14 maio 2018. Publicada online em 10 fev. 2019. Sistema de avaliação: Convite. Avaliação sob responsabilidade do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Editor: Luiz Alex Silva Saraiva.

